

O olhar de Padre Cícero sobre as relações sociedade natureza e sua importância na formação de núcleos rurais no Cariri cearense

Judson Jorge da Silva¹

Resumo: Esse artigo apresenta uma análise sobre a influência do Padre Cícero Romão Batista no processo de surgimento de comunidades rurais na região do Cariri Cearense. A partir das romarias ocorridas em virtude dos supostos milagres envolvendo o sacerdote, desenvolveu-se um acelerado processo de povoamento regional, com pessoas oriundas de várias partes do nordeste, que passaram a desenvolver atividades agropecuárias no local. A organização dessas comunidades, suas práticas de trabalho, oração e convivência com o semiárido, estavam pautadas em aconselhamentos dados pelo “Padrinho Cícero”. Nesse sentido, esse trabalho busca também compreender como a formação cultural, intelectual e clerical do sacerdote influenciou seu entendimento sobre as relações sociedade-natureza, difundida nos aconselhamentos dados aos migrantes que se estabeleceram na região do Cariri – CE.

Palavras-chave: Padre Cícero; Comunidades rurais; Sociedade; Natureza; Preceitos ecológicos,

Abstract: This article presents an analysis of the influence of Priest Cicero Romao Batista over the creation of rural communities in the Cariri region of Ceara. The pilgrimages started due to the Priest's alleged miracles accelerated the process of regional settlement. People from many states of the Brazilian northeast started developing agricultural activities in that region. The organization of those communities, their working practices and prayers were guided by the advice given by "Padrinho Cicero", as the Priest is commonly known. Thus, the present work also aims to understand how the Priest's cultural, intellectual and clerical basis influenced his understanding on the nature-society relations, widespread in his advice given to migrants who settled in the Cariri region of Ceara.

Keywords: Priest Cicero; Rural Communities; Society, Nature, Ecological Precepts

PADRE CICERO'S VIEW OVER THE NATURE-SOCIETY RELATIONS AND ITS IMPORTANCE TO THE CREATION OF RURAL CENTERS IN THE CARIRI REGION OF CEARA

Introdução

¹ Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Professor da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Campus de São Raimundo Nonato

A região do Cariri, localizada ao sul do Estado do Ceará, é compreendida ora como sendo a área sob influência dos atributos naturais associados à Chapada do Araripe e às áreas de brejo ou é compreendida como sendo uma área menor, diretamente ligado à zona de influência exercida pelo triangulo Crato – Juazeiro – Barbalha - CRAJUBAR. O certo é que, independente da delimitação adotada, as características naturais são responsáveis pela formação de uma identidade regional, ao mesmo instante em que exerceram no passado forte influência no povoamento da região e em suas atividades produtivas. Nesse sentido, Barros afirma que “a existência do Cariri deve-se, [...], à presença da Chapada do Araripe, traço marcante que dá a essa região sua originalidade” (1964, p. 350).

Hoje, além desses atributos naturais já mencionados, diversos outros atrativos e características fazem com que a região passe por um intenso e acelerado processo de crescimento econômico e demográfico, acompanhado de significativa urbanização. Entre esses elementos podemos destacar o fenômeno das romarias à Juazeiro do Norte, que há mais de um século atraí para esta cidade uma enorme quantidade de peregrinos, chegando nos anos 2000 a casa de, aproximadamente, um milhão de visitantes por ano. Pelo fluxo de capital injetado na economia do município a partir dessas romarias, desenvolveu-se um dinâmico setor terciário local. Essa conjuntura possibilita o surgimento de atividades econômicas diversas que vão desde o circuito inferior até o circuito superior da economia urbana, implantado através da demanda gerada pelas cidades, sobretudo das que se encontram encravadas na região metropolitana do Cariri, bem como das que são polarizadas por sua influência.

Como se pode notar, o Cariri cresce de uma maneira bastante peculiar, em torno da figura do Padre Cícero e dos fenômenos religiosos associados a sua pessoa, como veremos adiante. Tal influência ocasionou transformações importantes em toda a região e, sobretudo no passado, impactaram significativamente na zona rural caririense. Baseado nesse processo, formaram-se territórios camponeses na região com relações de convívio e apropriação da natureza bastante singular, influenciados pelas ações políticas, sociais e concepções ecológicas do sacerdote.

Se desde a ocupação primeira dos índios Kariris, até a chegada dos colonizadores, a natureza apresentou-se como fator de gênese para produzir e organizar o espaço geográfico caririense, a partir do final do século XIX, com a chegada do recém ordenado sacerdote Padre Cícero, ao que seria mais tarde o município de Juazeiro do Norte, surge um novo sentido dinamizador para a produção e o consumo do espaço geográfico caririense. Os fenômenos religiosos envolvendo a sua pessoa e a da Beata Maria de Araújo influenciaram diretamente os modos de povoamento e distribuição demográfica, alterando drasticamente a organização espacial do Cariri. Por essa razão, pode-se afirmar que a região possui um divisor temporal, que se configura em antes e depois dos episódios de transformação da hóstia consagrada em sangue durante uma comunhão ministrada pelo Padre Cícero à beata Maria de Araújo.

Quando a hóstia se transforma na boca de Maria de Araújo, em uma comunhão durante uma vigília onde se clamava a Deus para amenizar os efeitos da seca de 1875, não foi apenas a própria hóstia que se transformou. O padre ganha status de santo popular, a beata, por razões que merecem ser ainda melhor elucidadas, é esquecida e, depois de morta, teve seu túmulo violado e seus restos mortais roubados, não se sabendo nos dias atuais que fins levaram. Também a cidade de Juazeiro se transfigura, adquire um sentido místico, passando a ser alvo de constantes e crescentes romarias.

Logo de início, os principais representantes da elite agrária do Cariri, além de vários padres, manifestaram publicamente seu apoio ao sacerdote, e vieram ter com este em Juazeiro, podendo essa ser considerada a primeira das romarias à Juazeiro. Porém, por pressões da igreja católica e através da diocese do Ceará, tiveram que se retratar publicamente. Apesar desse apoio inicial dado pelas elites, foram os romeiros que atribuíram o sentido contemplativo e de devoção à cidade, ainda nos primeiros dias de ocorrência dos fenômenos. Com a morte do sacerdote, ocorrida em 1934, muitas pessoas acreditavam que Juazeiro passaria por um processo de estagnação econômica, em virtude de cessarem os fluxos temporários de migração. No entanto, a cidade cresceu em torno da religiosidade contemplativa dos romeiros ao padre Cícero, configurando-se, hoje, como uma das mais importantes do nordeste brasileiro. Interessante destacar que se trata de um dos poucos movimentos religiosos que não tem em seu ativo principal o aval da santa igreja, ou seja, é uma das poucas romarias que se destina a um homem e não a um santo, haja vista que na atualidade ainda corre no seio da Igreja Católica o processo de reabilitação das ordens

sacerdotais de Cícero, para que, posteriormente, possa ser canonizado. Por isso que se costuma dizer que Padre Cícero é um santo do povo.

A partir dos acontecimentos ocorridos em torno do Padre, todo o Cariri sofreu alterações. A cidade de Juazeiro passou por um acelerado processo de crescimento populacional, acompanhado de intensa urbanização em decorrência dos vários romeiros que, após virem em romaria, optavam por se fixar no povoado, até então pertencente ao município do Crato, esse já significativamente urbanizado. Em decorrência desse novo contexto era preciso ampliar a produção de gêneros alimentícios capazes de suprir a demanda alimentar desse crescente centro, além de ocupar a grande quantidade de migrantes que chegaram à região, buscando a Meca cearense. A esse respeito, Della Cava afirma que:

A vila-santuário, na medida em que milhares de romeiros acabaram por nela se instalar permanentemente, em menos de 20 anos transformou-se, a olhos vistos, num florescente empório agrícola, comercial e artesanal dos sertões nordestinos. Além do mais, a região em volta, conhecida como Vale do Cariri, foi igualmente afetada pela transformação de Joazeiro, assumindo um pouco depois, o título de ‘celeiro do Nordeste’ (1976, p. 20).

Diante desse novo quadro que se apresentou para o pequeno povoado, refletindo-se sobre a região, o sacerdote passa a demonstrar, também, suas habilidades políticas, econômicas, e sua visão de desenvolvimento. Emerge a figura do líder que, sendo aclamado pela massa, foi conduzindo seu processo de criação espacial de Juazeiro e, amparado nas ideias e teias de relações de Dr. Floro Bartolomeu (seu principal aliado no processo de emancipação do povoado do município de Crato), a afirmação de sua autonomia e direcionamento para se tornar o centro econômico e político regional. Nesse sentido, Araújo afirma que “o Padre Cícero contribuiu para a formação e expansão da cidade do Juazeiro e redefiniu a geografia da Região, ao projetar Juazeiro enquanto importante centro de cultura e religiosidade popular” (2005, p. 29).

Figura bastante controversa em razão do seu trânsito livre entre as diferentes classes sociais, o Padre Cícero é visto por uns como sendo o “padinho”, uma figura carismática que costumava chamar os romeiros e os habitantes da Cidade de Juazeiro do Norte de “amiguinhos”, homem de gestos simples que se fez santo. Já outros o veem como uma figura estritamente política, com atitudes e alianças que o caracterizariam como um Coronel, ligado às oligarquias fundiárias do Estado do Ceará. Neste artigo o intuito é o de refletir sobre a influência do Padre Cícero na formação de núcleos rurais na região, analisando como as suas

ações políticas, sociais e suas concepções ecológicas influenciaram na organização e nas relações de convívio e apropriação da natureza realizada por essas comunidades.

Araújo (2005) ressalta a importância do padre Cícero como grande fomentador e incentivador da formação do núcleo rural da cidade de Juazeiro do Norte. Segundo esta autora, para que se possa compreender melhor a ocupação do espaço de Juazeiro se faz necessário entender a ação política, social e econômica do Padre Cícero sobre a cidade, já que o sacerdote contribuiu de maneira significativa para a sua formação e expansão. Juazeiro cresceu, assim como o Cariri inteiro ganhou uma nova vitalidade.

Quando Padre Cícero, retornando ao Cariri após ser ordenado no seminário da Prainha em Fortaleza, chegou a Juazeiro para celebrar uma missa no natal de 1872, encontrou um local modesto, encravado em uma fazenda que pertencia ao município de Crato. Havia no local apenas duas ruas, uma escola, 32 prédios simples e uma pequena e simples capela, na qual anos mais tarde seria protagonista de um milagre. Expondo esse movimento migratório e suas peculiaridades, evidencia-se como o processo, perverso, de concentração fundiária no Brasil possui raízes históricas e com poder excludente sobre aqueles que não detêm propriedade ou posse de terra obrigando-os a migrar ou a se sujeitar ao processo de proletarianização no campo e ao rompimento das relações culturais camponesas. Há menos de 100 anos, o local que no passado era apenas uma fazenda, emancipou-se para se tornar um município inteiro.

Segundo Della Cava (1973) não estava entre os planos daquele jovem sacerdote fixar residência em Crato, sua cidade natal, muito menos naquele minúsculo povoado. Seu plano era o de retornar para a capital da província para lecionar no seminário, onde havia se formado dois anos antes. Porém, conforme revelaria tempos depois, um processo místico o fez mudar seus planos e fixar morada naquele lugar: um sonho! Esse sonho é narrado por Della Cava da seguinte forma:

Aí, no quarto contíguo à sala de aulas, caiu no sono e a visão fatal se revelou: 13 homens com vestes bíblicas entraram na escola e sentaram-se em volta da mesa do professor, numa disposição que lembrava a *Última Ceia*, de Leonardo da Vinci. O Padre sonhou, então, que acordava e levantava-se para espiar os visitantes sagrados, sem que estes o vissem. Nesse momento, os 12 apóstolos viraram-se para olhar o mestre. [...]. No momento em que o Cristo imaginário levantava-se para dirigir a palavra a seus apóstolos, **um bando de camponeses miseráveis entrou de repente na escola. Carregando seus parques pertences em pequenas trouxas sobre os ombros, estavam os homens e as mulheres vestidos de farrapos, e as crianças nem isso**

tinham. Davam a impressão de virem de muito longe, de todos os recantos dos sertões nordestinos. Cristo, então, virou-se para eles e falou, lamentando a ruindade do mundo e as inúmeras ofensas da humanidade ao Sacratíssimo Coração. Prometeu fazer um último esforço ‘para salvar o mundo’, mas, caso os homens não se arrependessem depressa, Ele poria fim ao mundo que Ele mesmo havia criado. Naquele momento, Ele apontou para os pobres e voltando-se, inesperadamente, para o jovem sacerdote estarecido, ordenou: **‘E você, Padre Cícero, tome conta deles’.** (1973, p. 26. Grifos meus).

A descrição do estado no qual se apresentavam os camponeses assemelha-se muito com a dos retirantes, forçados a migrarem do nordeste por causa das constantes secas que assolavam a região. E, segundo Padre Cícero revelara em seu sonho, era seu dever cuidar desses camponeses.

Constantes no semiárido nordestino, se na atualidade os efeitos dessas secas periódicas ainda geram problemas sociais de significativa relevância, naquela época os efeitos eram desastrosos, dada a falta de equipamentos estruturais mínimos, como açudes, cisternas, adutoras, rodovias, estradas de ferro e um sistema de logística para a distribuição de mantimentos nos períodos mais críticos. É possível observar que as várias secas com todas as suas consequências, vivenciadas desde a infância pelo Padre Cícero, atuaram de modo marcante em sua estrutura psicológica e em seu imaginário, de maneira a influenciar em seus sonhos, além das suas ações sociais, políticas, econômicas e ambientais na região.

A partir daí, baseado no binômio: oração e trabalho, como pilares edificantes da alma e da reprodução material e em uma aguçada percepção ambiental, com profunda sensibilidade sobre as características da natureza sertaneja e de como deveriam proceder as relações da sociedade no ato de se apropriar desta natureza a partir do trabalho, o Padre Cícero deu início as suas obras de orientação espiritual e produção espacial de Juazeiro e de todo o Cariri. Entre suas obras de orientação destacam-se os aconselhamentos para a criação de pequenas oficinas artesanais, do incentivo ao comércio, e a fixação de grande parte desses romeiros migrantes nas atividades agrícolas, tendo sido responsável, portanto, pela formação de diversas comunidades camponesas em toda a região. Sobre essa forma de atuação do Padre, cunhando as bases sociais e econômicas da região, Gonçalves aponta que:

O Patriarca não se limitava a arrebanhar e a mobilizar os agricultores. Ele inculcava, também, no espírito desses sertanejos, os padrões de valores de uma economia baseada no trabalho assalariado. Ao cair da noite, pregava à multidão de trabalhadores que se reuniam diante de sua residência. Tais

consagrações, invariavelmente, versavam sobre a honestidade, o trabalho duro e o respeito às autoridades eclesiásticas e civis (2007, p. 7).

Algumas dessas comunidades se perpetuam até os dias atuais, como a de coletores de pequi na chapada do Araripe. Mas em que estavam baseadas as teorias, metodologia e a *práxis* do sacerdote e do político Cícero Romão Batista?

Para essa reflexão, se faz necessário entender algumas situações: a primeira delas é a de que, como afirma Della Cava (1976), até meados do século XIX praticamente somente os padres possuíam educação formal no Cariri, sendo, também, os responsáveis por seu ensinamento. Portanto, tendo o Padre Cícero acesso a uma educação formal quando criança e, posteriormente, ampliando seus conhecimentos em decorrência dos estudos no seminário, sem dúvidas tratava-se de alguém com algo a ensinar para os inúmeros romeiros sem instrução escolar que chegavam a Juazeiro. Certamente por ser do clero ele teria créditos junto à população religiosa. Após o milagre da hóstia, a confiança dos devotos sobre ele se potencializou, possibilitando base sólida para sua liderança.

O segundo aspecto que merece atenção é o entendimento da conjuntura e do meio social no qual foi criado, cercado por práticas de um catolicismo popular que, certamente, cunhou grande parte de sua personalidade e, por consequência, das posturas que adotava frente aos acontecimentos políticos, sociais e naturais, sobretudo os decorrentes das secas vivenciados naquele período. Mesmo tendo, anos depois, se formado em um seminário com uma estrutura voltada para combater essas práticas e voltado também para um processo de “romanização” do catolicismo, termo usado por Della Cava (1976), não se pode negar a influência do catolicismo popular em suas condutas, mesmo sendo extremamente obediente às designações da igreja.

Em terceiro lugar, faz-se necessário lembrar que a ação do Padre Cícero sobre a cidade de Juazeiro do Norte e, conseqüentemente, sobre toda a região do Cariri, teve seu ápice no período de transição entre os séculos XIX e XX. Gonçalves (2007) nos esclarece que é importante ressaltar que essa conjuntura histórica encontrava-se impregnada pelos ideais de progresso, modernização e civilização, baseados em uma ética do trabalho, voltada para atender aos anseios do avanço das relações capitalistas de produção. Este mesmo autor aponta que, como patriarca da cidade e através da religião, o sacerdote

trilhou os passos iniciais de um conjunto de regras que fundamentaria a construção de uma ética do trabalho, suporte da modernização que se

processava de forma desigual no Brasil. Modernização que se dá no marco da tradição, onde o novo revela-se como desdobramento do velho (GONÇALVES, 2007, p. 7).

Como ficou claro na citação de Gonçalves, o processo modernizador se dava a partir do velho. A modernização da conduta religiosa dos fiéis se dá com a presença de rugosidades, materializadas nas ações e no próprio espaço. O Padre Cícero e outros sacerdotes daquela época tinham influências do seu passado, marcado pelo sincretismo religioso do catolicismo popular, fortemente questionado na sua formação clerical no seminário, e, tinha influências também de um método próprio de condução do processo modernizador da religião no Brasil, caracterizado por um movimento de “renovação as avessas” como o que Padre Ibiapina logrou executar. Sobre essa relação conflituosa e de afirmação identitária do Padre Cícero, Braga afirma que:

Se, de um lado o papel social de Cícero no seminário era o de aluno, por outro, não é de todo impossível trabalharmos com a hipótese de que ele tenha apresentado reservas ao assumir uma atitude que de certa maneira representaria uma negação do ambiente religioso onde fora gerado, onde se dera parte da sua formação religiosa e onde ocorreram muitas experiências marcantes na sua infância e juventude. É igualmente plausível levantarmos a possibilidade de que diante de algumas situações ele tenha agido a partir de um *habitus* que se remetia à essas primeiras experiências e momentos de sua trajetória social. Afinal, o ambiente religioso do Cariri de sua infância e juventude muito provavelmente deixou nele uma marca pessoal profunda. Os rituais, as rezas, os sacerdotes, os missionários, os homens e mulheres devotas (como Dona Quinô, sua mãe), os homens e mulheres que ele deve ter tomado por bons católicos, quem sabe até mesmo por santos, provavelmente deixaram marcas na sua memória e sua vida. Como, por exemplo, ele poderia negligenciar que fora naquele ambiente, com aquele tipo de fé e prática religiosa, que seu pai colérico e moribundo recebeu conforto e cuidado num lazareto criado por Pe. Ibiapina. Quando analisamos diferentes aspectos da vida de Pe. Cícero nos vem uma forte impressão de que uma atitude de negação dessa origem não seria condizente com sua figura e os tipos de ação que ele usualmente tomou (2007, p. 55).

Por fim, o quarto aspecto e, talvez um dos mais importantes, refere-se ao fato de que, segundo Araújo (2005), o Padre Cícero teria recebido a "herança sociológica" das missões do Padre Ibiapina. Em decorrência do contato tido com Ibiapina na juventude e, influenciado pela atuação daquele sacerdote, Cícero teria moldado suas ações sobre o espaço da região baseado também na observância às referidas práticas religiosas e civilizacionais das casas de caridade.

A formação religiosa e educacional de Padre Cícero

O início dos estudos de Cícero Romão Batista ocorreu ainda na cidade de Crato e, posteriormente, teve sequência em Cajazeiras, no vizinho Estado da Paraíba. Em ambos os momentos, os responsáveis pelo seu ensinamento foram os padres.

Nesse sentido, cabe destacar que, segundo Lira Neto (2007), naquele período as bases da igreja católica eram, não apenas no Ceará, mas em grande parte do país, corrompidas e distanciadas da proposta central da Santa-Sé. Em contraste com o que pregava o catolicismo ortodoxo, muito em virtude da quantidade escassa de Padres que realizassem a conversão e catequização dos fiéis a partir do catolicismo romano, predominavam na região, entre ricos e pobres, práticas litúrgicas não oficiais e credices populares como manifestações religiosas da fé. A falta de sacerdotes levava a um desamparo da religião oficial católica, sendo, por essa razão, as manifestações populares como as novenas, as penitências, a existência das rezadeiras e benzedadeiras, práticas religiosas muito comuns no sertão. Nesse sentido, segundo Della Cava,

Sobretudo entre os pobres, eram as credices o meio mais eficaz para coibir a dureza e as adversidades da vida. Faziam-se, comumente, promessas aos santos na esperança de obter saúde, felicidade, fortuna, enquanto que, entre os trabalhadores rurais, o plantio era precedido de preces, numa tentativa de afastar os maus espíritos, aos quais se atribuíam, invariavelmente, as más colheitas. Até nas elites do Cariri, uma maneira de agir mística e supersticiosa era comum para se conseguir melhoria material. Assim se fazia, principalmente, nas épocas de seca. Os padres que, no Cariri até meados de 1850, eram talvez os únicos a receber e dar educação formal, achavam que as secas cíclicas e devastadoras eram um castigo de Deus para com os povos desgarrados. Consequentemente, padres e proprietários de terra praticavam uma liturgia antiga e complexa, carregando as imagens dos santos padroeiros das paróquias, em procissão, e implorando chuva a Deus, por sua intercessão. Novenas e outras práticas litúrgicas populares eram, também, correntes, com o intuito de sanar os males do mundo – mundo este que, até meados da década de 1850, era, no tocante ao vale do Cariri, dissoluto e anárquico (1976, p. 30).

A segunda parte da educação de Cícero foi realizada em Cajazeiras, Paraíba, sob orientação do Padre, poliglota, Inácio de Sousa Rolim. Essa etapa, que durou dos seus 16 aos 18 anos, foi interrompida em virtude da morte de seu pai, acometido de cólera-morbo em uma epidemia que matou 1.100 pessoas no município de Crato e 11 mil em todo o Ceará. Por esse motivo, retorna a cidade natal sob a incumbência de amparar sua família. Sobre o desespero

causado pela epidemia de cólera e as manifestações religiosas populares de penitência e sacrifício oferecidos pela população cariariense nesse período, Lira Neto aponta que:

O pânico se estabeleceu ente os sobreviventes, que creditavam à tragédia a um severo castigo dos céus. [...]. No Crato, a exemplo de outras cidades do interior cearense, o horror diante da moléstia incentivava numerosas procissões de penitência. Noite e dia, viam-se multidões de fiéis entoando litanias desesperadas pela rua. Uns seguiam com volumosas pedras sobre a cabeça; outros se flagelavam, açoitando as próprias costas com chicotes de couro cru, na ponta das quais eram amarradas as ‘disciplinas’, lâminas de ferro afiadas e dentadas. **Foi nesse cenário aterrador que o rapaz Cícero Romão, agora órfão de seu pai, teve de voltar para casa** (2007, p. 30 – grifo meu).

Pelo exposto, pode-se observar que em sua formação pessoal, Padre Cícero trouxe do período da infância as influências dessa formação religiosa popular, tão praticada em seu meio. Esta particularidade cria um contexto paradoxal: mesmo sendo bom aluno no seminário da Prainha, na cidade de Fortaleza, e ganhando a confiança de seus tutores a ponto de tornar-se responsável por um grupo de seminaristas mais jovens, ministrando aulas no Seminário Menor, o seminarista Cícero dificultosamente adaptava-se à rígida filosofia ensinada pelos padres Lazaristas, incumbidos da missão de “romanizar” a religião cearense.

Conforme aponta Braga (2007), tal afirmação pode ser constatada em um trecho da ata do Conselho de Ordenação, órgão do seminário encarregado de avaliar quais seminaristas eram habilitados ao sacerdócio, a partir dos princípios ensinados no Seminário da Prainha, em Fortaleza. Segundo trecho citado por esse autor, na parte que avaliava o Seminarista Cícero Romão Batista,

foi dito que não receberia a ordenação porque a longo tempo não se confessava na Comunidade (entenda-se: seminário), no que é pouco regular; que tem muitas idéias confusas; que deposita muita confiança na própria razão. A primeira irregularidade é tanto mais grave quando ele exerce função no seminário. Por isso se decidiu que se ele continuasse deste modo, não poderia mais exercê-la em razão do escândalo que dá; fica livre para receber as duas ordens (as duas primeiras ordens menores, observa o tradutor e transcritor) a fim de que o corpo docente não fosse desacreditado (ARAÚJO, 1968: p. 178 *Apud* BRAGA, 2007, p. 48).

Como se pode verificar na citação de Braga, o futuro padre possuía “idéias confusas”. Creio que tais características sejam herança do catolicismo popular com o qual tivera contato em sua juventude e que, no seminário da Prainha, era impelido a não praticar e orientado a reverter do seio social quando se tornasse sacerdote. Sobre o fato de que “depositava muita

confiança na própria razão” foi essa uma das características que o acompanhou durante toda a sua vida, e que se tornou emblemática em sua atuação como Padre e posteriormente como prefeito de Juazeiro, ocasião na qual tomou diversas medidas questionadas na época, mas que foram importantes para o desenvolvimento do município, como, por exemplo, a construção da estação de trem fora dos limites urbanos da cidade, fato que levou a edificação de novos prédios, casas e atividades de comércio na área antes despovoada.

O ingresso no Seminário da Prainha, em Fortaleza, ocorreu aos 07 de março do ano de 1865, com o apoio e ajuda material do seu padrinho, o Coronel Antônio Luiz, já que seu pai havia falecido três anos antes. Padre Cícero foi o 51º seminarista a ingressar no Seminário Episcopal do Ceará. Portanto, foi aluno da segunda turma do seminário, que havia sido instalado na província do Ceará um ano antes, por Dom Luís Antônio dos Santos. A moralização e a boa formação clerical foram preocupações de Dom Luis ao criar a diocese do Ceará e, anos depois, o Seminário de Fortaleza. Segundo Braga,

Este tipo de preocupação de Dom Luís não era só uma decorrência do espírito romanizador que o movia. Suas preocupações foram potencializadas pela situação que encontrou na diocese assim que a assumiu. O Ceará era uma diocese composta de apenas 33 paróquias que contavam com um clero pequeno, pouco instruído, precário nos conhecimentos teológicos, com muitos sacerdotes publicamente amasiados, envolvidos em negócios e na política, e, que nem sempre demonstravam serem diligentes no cumprimento de seus deveres sacerdotais e pastorais. Ou seja, além da falta de “mão-de-obra” clerical, havia uma situação onde o prestígio do clero e, subseqüentemente, da instituição eclesiástica católica não era nada bom entre os cearenses, decorrendo que a formação dos fiéis, em sua perspectiva, obviamente, deixava muito a desejar, distante dos conhecimentos e das práticas católicas que ele julgava adequadas (2007, p. 39).

A partir do seu ingresso no seminário podemos supor que, pelo menos duas importantes características de sua maneira de atuação política e sacerdotal sofreram influência. A primeira delas é a do seu conhecido ato de moralização dos costumes praticados no povoado de Juazeiro do Norte e em seus arredores. São amplamente conhecidos trechos de seus sermões aonde aconselhava o não consumo do álcool, o não cometimento de atos ilícitos, a condenação do adultério, etc.

A segunda foi o acesso a disciplinas importantes, que certamente possibilitaram o conhecimento de saberes diversos, possivelmente colocados em prática no exercício das funções sacerdotais e, posteriormente, políticas. De acordo com Lira Neto, os seminaristas tinham aulas de “matérias como a filosofia, retórica, teologia dogmática, humanística e direito

canônico, recebia lições de liturgia e canto gregoriano” (2007, p. 37). Ainda conforme o mesmo autor, revistas, jornais e livros não religiosos eram proibidos. Porém, destoando desta afirmação, vários são os relatos a respeito da cultura e dos conhecimentos dos quais o Padre Cícero seria dotado e que, supostamente, teria sido adquirido no seminário.

Ao analisar o centenário de ordenação sacerdotal de Padre Cícero, Sucupira afirma que o mesmo possuía uma “elevada cultura para seu tempo, tendo adquirido um lastro bem sólido de conhecimentos intelectuais, como ótimo aluno que foi de História, Geografia e Teologia no Seminário de Fortaleza” (1970 p.12 *apud* Walker, sem data, p. 34).

Walker (2006) elenca alguns outros comentários a respeito dos conhecimentos do Padre. Em trecho extraído do relatório da visita feita ao Padre Cícero pelo Marechal Rondon, a serviço do Governo Federal em 1922, o mesmo teria dito que "o Padre Cícero tem palestra interessante de letrado. Fala com fluência sobre História, Literatura e Política, disqueteando sobre a vida nacional, cujas tricas conhece palmo a palmo" (Walker, 2006, p. 34).

Já para o Naturalista Phillip Von Luetzelberg,

Padre Cícero é um homem que dispõe de instrução e saber invulgares. Aborda com igual facilidade a política e a história brasileira; tem conhecimentos profundos de história universal, ciências naturais, especialmente quanto à agricultura (1923, p. 59. *apud* Walker, 2006, p. 34).

Porém, se a educação escolar formal que obteve ao longo de sua juventude, atrelada a educação intensiva que obteve em sua formação clerical, fez do Padre Cícero um homem detentor de profunda erudição, acredito que outro fator se constituiu como elemento chave de sua prática sacerdotal e política: sua postura no que se refere ao modo como incentivou e aconselhou práticas de trabalho, preservação ambiental e estimulou a formação de comunidades agrícolas voltadas para o binômio oração-trabalho, são fortemente influenciadas pelas obras e ações do Padre Ibiapina.

Ibiapina foi um missionário repleto de convicções e, sobretudo, compaixão pelos pobres. Nascido no Ceará em 1806 formou-se em Direito em Olinda, Pernambuco, de onde retornou ao Ceará engajando-se na carreira política. A vocação sacerdotal foi descoberta somente em 1853, aos 47 anos de idade. Ordenou-se no seminário de Olinda, trocou seu nome de batismo de “Pereira” para “Maria” e retornou para o Ceará no ano de 1862, para prestar auxílio às vítimas da epidemia de cólera-morbo que nesse ano vitimou milhares de pessoas no Ceará, entre elas o senhor Joaquim Romão Batista, pai do padre Cícero. Suas primeiras ações

ocorreram em Sobral, seu município natal, que também havia sido afetado pela epidemia. Lá, fundou, mesmo sem autorização da Diocese do Ceará, uma irmandade de freiras. Um ano depois, em razão desse ato, foi impellido pelo Bispo cearense a se retirar da área de atuação da Diocese do Ceará.

A partir daí, até sua morte duas décadas depois, em 1883, Padre Ibiapina cruzou seis Estados do sertão nordestino, pregando, realizando suas obras e fundando, ao todo, 22 casas de caridade. As chamadas casas de caridade, que se empenhava em fundar, constituíam-se em instituições sociais que funcionavam como orfanato para meninas pobres, possuindo também a finalidade de oferecer educação e doutrinação religioso. Nelas se ensinava a ler e escrever, os princípios da religião cristão-católica, além do aprendizado de ofícios manuais para as órfãs e, também, para as filhas de alguns fazendeiros quando não existia outra oportunidade de educação nessas localidades.

Era esse o caso do Vale do Cariri que recebeu duas visitas prolongadas de Ibiapina, de outubro de 1864 a fevereiro 1865 e de julho de 1868 a junho de 1869. Foi durante essas duas estadas que Ibiapina construiu as casas de caridade dos quatro principais municípios do Vale – Crato, Barbalha, Milagres e Missão Velha – o que, para nossa história, constituiu seu legado mais duradouro. Assim como as 18 outras casas de caridade, que foram construídas em outros lugares do Nordeste Árido, destinavam-se a servir, simultaneamente, de escolas para as filhas dos fazendeiros e comerciantes ricos, de orfanatos para as crianças das classes mais pobres, de centro para a manufatura de tecidos baratos e, consoante a própria ambição de Ibiapina, de convento para a sua congregação de freiras. As elites do Vale, cujas filhas seriam educadas nas casas de caridade, apoiaram com vivo interesse as iniciativas do missionário, doando terras e rendas às escolas dos conventos. Coube aos pobres dar, generosamente, o seu trabalho, acreditando que Ibiapina, assim como Frei Vitale no século XVIII, era um profeta, dotado do poder de fazer curas (DELLA CAVA, 1973, p. 34).

De acordo com Lira Neto (2007, p. 28), o padre teria cruzado o sertão nordestino “a pé, de ponta a ponta, erigindo capelas, erguendo escolas, construindo açudes, abrindo hospitais, para os pobres, sempre em regime de mutirão”. Segundo Della Cava,

O trabalho do missionário não deixou de lado as melhorias materiais. Mobilizou trabalhadores submissos e crédulos não apenas para a realização de consertos nas igrejas e nos cemitérios, mas também na construção de açudes, abertura de poços e cacimbas, bem como planejamento de novas estradas, melhorias essas que foram acolhidas com entusiasmo pelas elites do interior, desejosas, sobretudo depois de 1865, de aproveitarem o surto de prosperidade que as exportações de algodão ainda lhes proporcionariam por mais cinco anos pelo menos (1973, p.34).

“Foi em fevereiro de 1865, na inauguração da casa de caridade de Missão Velha, vila próxima ao Crato, que o jovem Cícero Romão conheceu pessoalmente o padre Ibiapina. Ficou fascinado pelo verbo eloqüente e pelo carisma daquele reformador de costumes” (LIRA NETO, 2007, p. 28).

Como se pode observar, esse contato pessoal se deu um mês antes do jovem Cícero ingressar no Seminário da Prainha em Fortaleza. No entanto, o conhecimento da obra de Ibiapina se deu em 1862, quando seu pai, vitimado pela cólera, foi atendido em um espaço criado por Ibiapina. Apesar da formação Lazarista reformadora que recebeu no Seminário, que visava implementar a romanização da fé católica no Ceará, e mesmo tendo sido sempre bastante fiel aos desígnios da Igreja católica, concluí-se que Padre Antônio Ibiapina teria servido de modelo para as futuras práticas sacerdotais do Padre Cícero. A esse respeito, Luitigard Barros afirma que:

Aquele ambiente, o engajamento que levava alguns padres a morrerem na luta que Ibiapina e seus seguidores encetaram contra o cólera que acometeu o sertão na década de sessenta do século passado, forjam na criança e no adolescente Cícero Romão Batista uma crença inquebrantável, a certeza da missão da Igreja de salvar e ajudar os miseráveis. A morte de seu pai e do Padre João Marrocos, atendidos por Ibiapina num lazareto construído por iniciativa deste para tratar os coléricos, liga indissolivelmente o órfão àquele missionário e suas concepções de mundo. (...).

O adolescente que ingressa no Seminário da Prainha já chega formado por uma concepção de mundo, com uma interpretação dos ritos e mitos católicos já decodificados por Ibiapina, sua ‘fonte de criação’, para usar a expressão de Sartre. Sua identificação com o catolicismo pregado por Ibiapina faz de sua vida no Seminário um tempo de angústia, desencontro com os padres lazaristas franceses e seus ensinamentos, tornando-o um seminarista atípico, desconfiadamente observado pelos professores, sua vocação questionada pelo Reitor Chevalier (BARROS, 1994: p. 17 *apud*, BRAGA, 2007, p. 55).

Ao chegar a Juazeiro do Norte, assim como o fez Ibiapina, Padre Cícero organizou ordens de beatos e beatas para auxiliarem na propagação da fé, moralização dos costumes e edificação de obras de melhorias, a exemplo da construção da capela de Nossa Senhora das Dores, toda erigida a partir do trabalho em regime de mutirão voluntariado.

Pode-se concluir que, como afirma Lira Neto (2007) as prédicas do padre e latinista João Marrocos, assim como as rezas de Dona Quinô, sua mãe, bem como as pregações de Ibiapina, exerceram sobre o Padre Cícero Grande influência. Somado a esses fatores de ordem mais popular, tem-se suas bagagem do saber teórico erudito formando sua personalidade e direcionando a sua *práxis*.

Os Preceitos ecológicos de padre Cícero

Assim como Ibiapina teve cuidados em direcionar algumas de suas obras no sentido de mitigar os efeitos das secas, como a construção de poços e açudes, Padre Cícero também sabia dessa importância e sentia a urgência de ações voltadas ao combate dos efeitos desse fenômeno natural e, ao mesmo tempo, social. Cícero aprendeu do jeito mais doloroso que era necessário encampar desde orações, à construção de obras hídricas e assistencialistas, a ações políticas e ensinamentos de convivência com o semiárido. Também pudera! O fenômeno devastador da seca, que insistia em ceifar a vida de milhares de pessoas quando ocorria, sempre levava consigo alguém do seio familiar do sacerdote.

Entre 1877 e 1879, o Nordeste viveu uma das maiores e mais dramáticas secas da história. Nem mesmo o oásis cariariense escapou. Como de costume, as doenças vinham a galope, na garupa da falta de água e de comida. Uma epidemia de varíola elevou o obtuário do triênio, só na província do Ceará, à cifra assustadora de 180 mil almas, contra os poucos mais de 6 mil mortos em toda a década anterior. Cícero Romão, que na seca de 1862 perdera o pai para a cólera, aos 34 anos viveria nova e dolorosa tragédia pessoal: entre as vítimas da grande estiagem, estava sua irmã Maria Angélica, a filha mais nova de dona Quino. ‘Tenho tanto medo’, confessou Cícero em carta ao bispo, atribuindo o flagelo à fúria divina. ‘Nem se pode duvidar que tanta avareza, tanta impudícia, tanto assassinato, tanto crime em escala nunca vista façam continuar o castigo e aparecer outros maiores’, previu.

Não era só o sertão que agonizava. As notícias que chegavam de Fortaleza eram aterrorizadoras. A capital, que possuía cerca de 30 mil moradores, recebera 200 mil retirantes, arranchados em praça pública, em condições insalubres. A varíola aproveitou para atacar sem piedade. Em um único dia, 10 de dezembro de 1878, o cemitério da cidade recebeu, oficialmente, 1004 corpos. ‘O número de mortos devia ser muito maior porque em torno da cidade, pelos matos e valados, inumavam-se cadáveres ou se deixava apodrecer insepultos’, testemunhou na época o médico historiador cearense barão de Studart. Na manhã seguinte àquele que ficaria conhecido como o Dia dos Mil Mortos, Fortaleza amanheceu com uma nuvem negra pairando sobre a cidade. Não era nenhum sinal de chuva: eram centenas de urubus que davam rasantes no céu. Lá em baixo, cães disputavam entre si restos de carne humana (LIRA NETO, 2007, p. 56).

Tendo vivenciado esses horrores, é mais do que natural que o misto de saberes adquiridos a partir da influência do meio no qual se criou, de suas vivências e de seus estudos mais apurados, tenham cunhado um sincretismo de conhecimentos, que constituiu seu embasamento para suas ações políticas, ao chamar a atenção e cobrar do poder público e seus representantes uma maior atenção e cuidados para prevenir os efeitos e/ou socorrer a população cearense das consequências das secas periódicas que assolavam o Ceará e

causavam, principalmente para a população mais pobre, muito penar. Tal afirmação pode ser constatada nas palavras do próprio sacerdote:

Só quem viu 77 entre nós, pode avaliar o que seja o flagelo das secas nos sertões do Norte! É uma aflição os horrores da seca; parece que fica deserto o Ceará. Cada cearense deve ser uma trombeta na imprensa e em toda parte, gritando com toda força, pedindo socorro para o grande naufrágio do Ceará. Pode ser que esses governos, que têm dever de salvar os Estados nas calamidades públicas, despertem este clamor e não queiram passar por assassinos, deixando morrer caprichosamente milhares de vidas que podiam salvar e não querem. Estamos certos que só a Providência nos dará remédios (PADRE CÍCERO *apud* WALKER, 2006, p. 15).

Destacam-se também seus aconselhamentos voltados para uma convivência mais harmônica com o semiárido, apontando práticas de preservação do meio ambiente além de técnicas de trabalho na agropecuária bem mais acertadas para áreas sujeitas aos processos de degradação e desertificação, presente em grande parte do nordeste brasileiro. A esse respeito, Walker aponta que

No Cariri, há mais de cem anos, quando ninguém falava em ecologia, o Padre Cícero - como extraordinário homem de vanguarda que foi -, se antecipava e ensinava preceitos ecológicos aos romeiros. Eram coisas simples, como 'não derrubem o mato; não toquem fogo no roçado; deixem os animais viverem; não matem os passarinhos; utilizem as plantas medicinais', mas que surti um grande efeito. Essa iniciativa de Padre Cícero, hoje largamente disseminada no Nordeste, foi elogiada por ecologistas de renome, como o professor J. Vasconcellos Sobrinho, no seu livro *Catecismo de Ecologia* (Vozes, 1982) e Dr. Rubens Ricupero, ex-ministro do Meio Ambiente, o qual, em artigo publicado no jornal *O Globo* (19.01.94) disse que Padre Cícero 'pregou em pleno sertão nordestino a palavra que hoje a consciência ambiental a duras penas começa a inscrever na nossa visão de mundo. Muito antes de que se realizasse a I Conferência Internacional sobre o Meio Ambiente, em Estocolmo, em 1972, ele teve essa percepção aguda de algo que constitui antes de tudo um interesse legítimo, identificado por quem está próximo da realidade (2006, pág. 3).

Nesse sentido, destacam-se os seus onze preceitos ecológicos, que ensinava para os romeiros que visitavam Juazeiro, bem como para os que, decidindo permanecer nas proximidades da cidade, eram aconselhados pelo sacerdote a tornarem-se agricultores e, dentre outras culturas, alertava para a precisão de se "plantar a mandioca-preta, conservar ela, porque, quando vier à seca, não acha o povo desprevenido" (PADRE CÍCERO *apud* WALKER, 2006, p. 31).

É importante ressaltar que Padre Cícero não deixou nenhuma obra escrita publicada. Por essa razão busquei saber junto ao professor e pesquisador Daniel Walker, especialista em história do Juazeiro do Norte e sobre o Padre Cícero, as origens dos preceitos ecológicos do sacerdote. Nesse sentido, Walker esclareceu que os preceitos ecológicos, hoje amplamente difundidos, foram organizados pelo ecologista brasileiro Dr. Vasconcelos Sobrinho (professor, engenheiro agrônomo e um dos fundadores da UFRPE), com base nos conselhos que padre Cícero dava aos sertanejos através de cartas. Walker afirma ainda que alguns desses conselhos, segundo fontes orais, também eram dados nas pregações diárias que o padre fazia aos romeiros em frente a sua casa.

Em seus preceitos ecológicos Padre Cícero fazia os seguintes alertas:

1. Não derrube o mato nem mesmo um só pé de pau
2. Não toque fogo no roçado nem na caatinga
3. Não cace mais e deixe os bichos viverem
4. Não crie o boi nem o bode soltos; faça cercados e deixe o pasto descansar para se refazer
5. Não plante em serra acima nem faça roçado em ladeira muito em pé; deixe o mato protegendo a terra para que a água não a arraste e não se perca a sua riqueza
6. Faça uma cisterna no oitão de sua casa para guardar água de chuva
7. Represe os riachos de cem em cem metros, ainda que seja com pedra solta
8. Plante cada dia pelo menos um pé de algaroba, de caju, de sabiá ou outra árvore qualquer, até que o sertão todo seja uma mata só
9. Aprenda a tirar proveito das plantas da caatinga, como a maniçoba, a favela e a jurema; elas podem ajudar a conviver com a seca
10. Se o sertanejo obedecer a estes preceitos, a seca vai aos poucos se acabando, o gado melhorando e o povo terá sempre o que comer
11. Mas, se não obedecer, dentro de pouco tempo o sertão todo vai virar um deserto só.

Entendemos que foram a partir desses fundamentos que o Padre incentivou o trabalho coletivo temporário, em forma de mutirões, e o trabalho coletivo permanente, em forma de comunidades agrícolas. “Tornando-se conselheiro de uma crescente legião de fiéis, ameaçados pela seca, no sertão nordestino e por limitações materiais dela decorrentes, o Padre Cícero incentivava a orar e trabalhar” (ARAÚJO, 2005, p. 31).

Ao se formarem comunidades que se constituíram como territórios camponeses envoltos em um misticismo religioso, é provável que os aconselhamentos do Padre Cícero, de orar e trabalhar, somados ao estímulo da união em mutirão baseado nas ideias de Ibiabina e

nos preceitos ecológicos que ensinava aos trabalhadores rurais, tenham se constituído na base estrutural na qual seus devotos seguidores passaram a desempenhar suas atividades produtivas em harmonia ecológica no ato de apropriação da natureza, imprimindo, assim, uma particularidade nos núcleos rurais espalhados pelo Cariri Cearense, que ajudou a formar.

Mediante os desafios da seca, Padre Cícero incentivava os devotos ao trabalho de cultivar os campos, para evitar os 'horrores da fome', e à fé, dirigindo promessas ao santo para pedir chuva.

Após a seca de 1877, no Juazeiro e Cariri, o Padre Cícero se preocupava cada vez mais com a agricultura, solicitando junto aos governantes, ações voltadas para tentar reverter o problema das estiagens prolongadas. Neste sentido, o Padre incentivou a criação de açudes, reservatórios de água, reflorestamento e abastecimento alimentar.

Assim, a preocupação do Padre Cícero com a atividade agrícola, assim como o grande contingente de mão-de-obra que afluía ao Juazeiro, em busca de trabalho e a extensa quantidade de terras agricultáveis no topo da Chapada do Araripe, contribuíram para a formação de comunidades de pequenos agricultores (ARAÚJO, 2005, p. 40).

Um exemplo dessas influências do sacerdote na organização das comunidades camponesas pode ser observado nas experiências realizadas no sítio Caldeirão, pelo Beato Zé Lourenço e seus seguidores. Trata-se o Caldeirão de uma comunidade camponesa formada a partir de um pedido do Padre Cícero ao Beato José Lourenço, um de seus devotos, detentor de importante carisma e liderança. Conforme Gonçalves,

A vinda de grande quantidade de romeiros (final do séc. XIX e início do séc. XX) que migraram, sobretudo para próximo do Padrinho no povoado de Juazeiro do Norte representou a chegada no Cariri de diversidade de pessoas pertencentes aos mais diversos grupos sociais e étnicos como: indígenas, cangaceiros, simples agricultores, beatos, místicos, dentre outros. Neste contexto inserimos o acontecimento da comunidade do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto. Taxados pela sociedade urbana local, de fanáticos e loucos, os romeiros do Caldeirão de Zé Lourenço inspirados no padrão produtivo do Juazeiro seguiam o modo de vida pietista recomendado pelo Padre Cícero e em decorrência das circunstâncias políticas e religiosas passaram a figurar de forma isolada com relação às lideranças políticas locais e regionais (2007, p. 5).

Os indícios apontam que no Caldeirão foram colocados em práticas os aconselhamentos de oração, trabalho e preservação ambientais tão difundidos pelo sacerdote de Juazeiro. Exemplo disso é o fato de que os camponeses do Caldeirão construíram açudes, fizeram represas no leito do riacho Caldeirão, intercalavam as culturas possibilitando maior diversidade biológica, preservavam as áreas íngremes do terreno, entre outras práticas. Tais

afirmações podem ser constatadas através das palavras do geógrafo Arlindo Siebra, em entrevista a Araújo,

Como é possível sustentar toda uma comunidade dependendo de um solo que tem restrições agrícolas? O grande mérito do beato foi exatamente este: ele soube utilizar os recursos e os ecossistemas do semi-árido', afirma o geógrafo Arlindo Siebra. Além do *modus vivendi* igualitário, o Caldeirão foi um exemplo ecológico para o nordeste. Segundo Siebra, a comunidade construiu várias microbarragens e dois açudes. Faziam também um tipo de cisterna, que cobriam para evitar a evaporação, armazenando a água no subsolo. Outra característica importante frisada por Siebra era o não-desmatamento da "coroa da serra" - como são chamadas as partes mais altas da fazenda. Normalmente os agricultores trabalham com rotação de culturas, ou seja, queimam a vegetação para adubar o solo e depois plantam durante cerca de três anos. Posteriormente, abandonam a área - deixam a vegetação brotar de novo, o que chamam de 'encapoeiramento' - para repetir o processo após três ou cinco anos. A falta de espaço, porém, impedia José Lourenço de fazer as rotações. Segundo Siebra, o beato 'só plantava abaixo da 'coroa da serra', e apenas em um trecho por ano, passando depois para outro. Como a cobertura vegetal da coroa permanecia intacta, quando chovia as sementes eram dispersadas de cima para baixo. Dessa maneira, utilizando a força da gravidade, a área encapoeirava mais rápido que um terreno plano'. Com esse manejo agrícola, somado à criação de peixes e de gado, as quase 2 mil bocas da irmandade não sentiam falta de comida (ARAÚJO, 2005, p. 40).

Baseado nesses elementos norteadores, o Beato e seus seguidores desempenharam de modo satisfatório suas atividades de produção agropecuária. Como se pode observar nas afirmações de Siebra, a utilização dos recursos naturais do ecossistema semiárido de maneira racional e harmônica possibilitou que a comunidade lograsse êxito em seu desenvolvimento, a partir de um modelo ambientalmente sustentável, que somado à força de trabalho coletiva, a partir dos mutirões, permitiu a comunidade enfrentar sem mortes, epidemia ou fome a seca do ano de 1932 e a alcançar qualidade de vida salutar, superior a dos padrões camponeses daquela época no sertão nordestino. Passadas mais de sete décadas do fim do Caldeirão este modelo de organização e produção que a comunidade praticava, ao invés de se tornar obsoleto, requer maiores reflexões a seu respeito para que modos alternativos de convivência com o sertão semiárido possam ser repensados, fazendo frente ao avanço do modelo de produção do agronegócio que, aos poucos vem se desenhando rapidamente na região do Cariri cearense.

Considerações finais

Encravada no entremeio sertanejo, a região do Cariri é conhecida como “Oásis do sertão” devido às suas características naturais – disponibilidade de água, clima, solos, localização geográfica, fatores estes que favorecem a dinâmica de produção espacial desse lugar. Tais características foram responsáveis também por diferenciar o modo de colonização da região daquele praticado na maior parte do sertão nordestino, ou seja, que se baseava na pecuária extensiva como carro chefe da economia colonial. Somado às características ambientais do local, naturalmente atrativas, tem-se posteriormente a eclosão do fenômeno social Padre Cícero, que contribuiu para um crescimento vertiginoso não só da cidade de Juazeiro do Norte, mas de toda a região do Vale do Cariri.

Por esse motivo, nesse trabalho buscou-se analisar e compreender que, para além dos fatores naturais que influenciaram na escolha das atividades econômicas historicamente desenvolvidas na região, o Padre Cícero foi uma das principais influências no processo de formação de comunidades rurais no agrário caririense. Tais comunidades se desenvolveram a partir das romarias que ocorriam em virtude dos supostos milagres envolvendo o sacerdote, que desencadearam um acelerado processo de povoamento regional, marcado pela chegada ao antigo povoado do *Joaseiro* de pessoas oriundas de várias partes do nordeste, que passaram a desempenhar atividades agropecuárias nas áreas da Chapada do Araripe e do seu entorno, seguindo aconselhamentos do próprio Padre.

Acredita-se que a organização dessas comunidades, suas práticas de trabalho, oração e convivência com o semiárido, estavam pautadas em conselhos proferidos pelo “Padrinho Cícero”. É o caso da extinta comunidade do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, que fora liderada pelo Beato José Lourenço entre os anos de 1926 a 1936, no município do Crato, e que foi destruída por forças policiais do governo cearense. Ou como também da comunidade de Cacimbas, que se localiza no município de Jardim, no topo da Chapada do Araripe e que ainda nos dias atuais abriga tradicionais coletores de pequi.

Como resultado dessas diferentes influências, o Cariri vivenciou a existência de atividades econômicas distintas daquelas praticadas no entorno da região, que teve na pecuária as bases históricas de seu processo de povoamento. Destacam-se no Cariri as pequenas criações e a agricultura tradicional, pouco estimulada e de pequena inserção no mercado, produzida com uso de pouca tecnologia e baseada no sistema de policultura, que tem no milho, feijão, fava, andu e mandioca seus principais produtos, além das atividades

extrativistas como a do pequi, da faveira e do babaçu, que, na atualidade, contrasta com setores de ponta voltados para a prática da agricultura irrigada, da pecuária intensiva, que faz uso de modernas tecnologias, a exemplo da monocultura da cana de açúcar e dos rebanhos de bovinos e caprinos geneticamente modificados.

Pelo acima exposto, não seria exagero concluir depreendendo-se que a formação cultural, intelectual e clerical do “Padrinho Cícero” influenciou seu entendimento sobre as relações sociedade-natureza, socializada com camponeses através de seus tradicionais conselhos, tendo sido este um dos elementos que ajudam a compreender a teia de relações econômicas, sociais e políticas na qual se assenta a produção espacial do agrário da região do Cariri-CE.

Referências

- ARAÚJO, João Mauro. Sopro de Liberdade: A tragédia de uma utopia de igualdade e auto-suficiência. **Problemas Brasileiros, São Paulo**, n. 370, p. 38-43, jul/ago. 2005.
- ARAÚJO, Maria de Lourdes. **A Cidade do Padre Cícero: Trabalho e Fé**. 2005. 260 f. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Centro de Ciências Jurídicas e Aplicadas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- BARROS, Haidine da Silva. O Cariri Cearense: Quadro Agrário e a Vida Urbana. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, vol. 26, n. 4, p. 549-591, out/dez .1964. Disponível em:http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20%20RJ/RBG/RBG%201964%20v26_n4.pdf>. Acesso: Setembro 2009.
- BRAGA, Antonio Mendes Costa. **Padre Cícero Sociologia de um Padre Antropologia de um Santo**. 2007. 419 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- GONÇALVES, Ubiratan Gonçalves.. Ética e Trabalho na Construção do Cariri do Padre Cícero. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, XIII**, 2007, Recife. Anais. Recife: 2007, p. 1-14
- NETO, Lira. **Padre Cícero: Fé, Poder e Guerra no Sertão**. 1ªEd. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- WALKER, Daniel. **Padre Cícero: Coletânea de textos**. Juazeiro do Norte, 2006. Disponível em:
<http://3.bp.blogspot.com/_FRs28VYXBw8/R6pGzhacdCI/AAAAAAAAAeg/jVQDhecaHZo/s1600-h/livros+gratis.jpg>. Acesso em: Dezembro de 2009.

Recebido em: 05 de dezembro de 2012

Aprovado em: 02 fevereiro de 2013